

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR**

CARLA SIMONE RODRIGUES SANTOS

BULLYING: A FACE SILENCIOSA DA VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES

Porto Alegre

2012

BULLYING: A FACE SILENCIOSA DA VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES

Carla Simone Rodrigues Santos*
Vivien Rose Bock**

O Bullying é uma violência que cresce com a cumplicidade de alguns, com a tolerância de outros e com a omissão de muitos.

(Gabriel Chalita, in MELO 2010).

RESUMO

O *bullying* é considerado atualmente um problema de saúde e de segurança pública devido a complexidade de suas consequências. O presente artigo terá como objetivo elucidar a temática do *bullying* a partir de uma revisão bibliográfica de artigos, textos e livros sobre este fenômeno, abarcando temas como a definição, a prevalência, as causas, os personagens, as consequências e as possíveis estratégias de enfrentamento do *bullying*. Este tipo de violência é vivenciada por diferentes sujeitos, nos diversos contextos: escola, família, empresa, redes sociais, etc.

Palavras-chave: Violência; infância e enfrentamento.

ABSTRACT

Bullying is now considered a public health problem due to the complexity of its consequences. In this paper at the critical itinerary will be made on the definition, prevalence, causes, character, consequences and possible strategies to cope with bullying. This type of violence is experienced by individuals in different contexts: school, family, business, social networks, etc.

Keywords: Violence, children and coping.

INTRODUÇÃO

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação aparente, adotado por um ou mais alunos contra outro(a), causando dor, sofrimento e angústia. Se dá através de insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente (FANTE, 2005).

* Acadêmica do Curso Especialização em Psicologia Escolar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
e-mail: carlasimonepsi@hotmail.com

** Mestre em Psicologia.
Docente da PUC-RS.
Docente do Curso de Pós-graduação em Psicologia Escolar da UFRGS.

Esta é a temática que vem há décadas despertando em nós dúvidas, indignação, tristeza e mobilização pelo que devemos fazer para acabar com esta cultura de violência em nossas escolas.

Todos os referenciais teóricos nos apontam que o *bullying* e o assédio moral acometem diferentes espaços vivenciais como escolas, famílias e empresas. Este artigo tratará destas diferentes faces do *bullying*, mas priorizará a escolar e principalmente irá propor estratégias de prevenção e enfrentamento desta violência que nos invade a cada dia.

O *bullying* é considerado um fenômeno novo e antigo ao mesmo tempo, pois sempre houve nas escolas relações baseadas em agressividade, mas atualmente a gravidade e a frequência vêm crescendo. No Brasil de acordo com uma pesquisa de âmbito nacional realizada pela ONG Plan Brasil em 2009, cerca de 70% dos estudantes pesquisados já vivenciaram alguma situação de *bullying* e 30 % já se envolveram diretamente nestas situações. Uma estudiosa deste fenômeno, Cléo Fante, publicou no site *Psicologia.com.br*, sua manifestação em relação aos episódios de violência que têm acontecido, vindo a ilustrar o que será tratado neste artigo:

Este fenômeno comportamental atinge a área mais preciosa, íntima e inviolável do ser, a sua alma. Envolve e vitimiza a criança, na tenra idade escolar, tornando-a refém de ansiedade e de emoções, que interferem negativamente nos seus processos de aprendizagem devido à excessiva mobilização de emoções de medo, de angústia e de raiva reprimida... A forte carga emocional traumática da experiência vivenciada interferirá no desenvolvimento da sua autopercepção e auto-estima, comprometendo sua capacidade de auto-superação na vida.

1 DEFINIÇÃO DE *BULLYING*

O fenômeno começou a ser estudado na Suécia, a partir da década de 1970. Dan Olweus foi o primeiro a realizar uma pesquisa sobre o tema, definindo os critérios para identificar o problema, diferenciando-os de outras formas de violência como incidentes ou eventuais “gozações” entre iguais.

Mas sua pesquisa não teve na época o devido impacto e só em 1982, com a reportagem de um jornal sobre o suicídio de três crianças no norte da Noruega, com idades entre 10 e 14 anos, motivados com certeza por situações de maus tratos. O *bullying* chamou a atenção e um ano depois o Ministério de Educação deste país fez uma campanha nacional contra os problemas entre alunos e vítimas deste fenômeno. Em 1989 Olweus publicou seu

primeiro livro que foi um grande sucesso corroborando para que as escolas se mobilizassem numa campanha e reduzissem em 50 % os casos na Noruega (MELO, 2010).

O *bullying* é um conceito amplo e complexo; ocorre em diferentes classes sociais, em escolas públicas e particulares. Muitos afirmam que o *bullying* na verdade sempre existiu, e que lhe foi dado somente desde a década de 70 uma nomenclatura diferente. Contudo estes atos agressivos quando não tem um padrão repetitivo ou quando não acontecerem numa relação desigual de poder, podem não ser considerados *bullying*. No entanto todos os episódios de *bullying* envolvem agressão.

O *bullying* segundo Toro; Neves; Rezende (2010) que citam Oliveira e Martins (2007), afirmam que a violência na escola pode ser encarada como consequência de uma desigualdade social, imposição de regras coletivas e repetição de modelos com as quais os alunos convivem em casa. Existem categorias de risco relacionadas a violência escolar, como: a exclusão social ou o sentimento de exclusão, ausência de limites, exposição à violência pelos meios de comunicação, facilidade para obter armas de fogo e falta de diálogo e cooperação entre a família e a escola.

2 O BULLYING NO MUNDO

Como este tipo de violência vem envolvendo cada vez mais estudantes de nossas escolas, algumas instituições têm estudado este fenômeno através de pesquisas, entre elas a Plan que é uma organização não-governamental de origem inglesa, ativa há mais de 70 anos. Essa instituição realizou em 2009 nas cinco regiões do Brasil, a pesquisa “*Bullying* no Ambiente Escolar”, e verificou que cerca de 70 % de uma amostra de 5168 alunos de escolas públicas e particulares afirmaram ter presenciado cenas de agressões entre colegas e 30% vivenciaram uma situação de violência. Ou seja, cerca de 10% dos alunos pesquisados já sofreram ou praticaram *bullying*, sendo que 3% disseram reproduzir os maus tratos sofridos se convertendo em vítimas e autores ao mesmo tempo.

Já em um levantamento queniano realizado com 1.000 alunos de escolas públicas de Nairóbi, entre 63,2% e 81,8% relataram diversos tipos de *bullying*.

Em um distrito em Benin, 82% dos professores e 92% dos alunos confirmaram incidências de *bullying*.

Um estudo em Bogotá, Colômbia, com mais de 1.000 participantes, constatou que 30% dos meninos e 17% das meninas haviam se envolvido em uma briga. Um quinto dos entrevistados tinha sido vítima de *bullying* diariamente Ainda para termos uma dimensão

mundial da incidência de *bullying* nas escolas, segue a tabela com os percentuais de alguns países:

País	Meninas	Meninos
Estados Unidos	7 %	14 %
Canadá	5 %	13 %
Reino Unido	6%	10 %
Espanha	6 %	7 %
Áustria	11 %	26 %
Alemanha	9 %	21 %
Turquia	7 %	13 %

Quadro 1: Incidência de *bullying* em alguns países.
Fonte: Guimarães, Revista Época, 28 mar. 2011, p. 18.

3 CARACTERIZAÇÃO, PERSONAGENS E GÊNERO

Partindo das pesquisas de Olweus, observou-se que na sala de aula existem diversos conflitos e tensões e as interações agressivas podem ocorrer como forma de diversão ou auto-afirmação. O agressor usa da força física e subestima os outros, identificando na sala as vítimas através de características como ansiedade, insegurança, passividade timidez e possível fragilidade.

Para distinguir *bullying* de maus tratos ocasionais e não graves é necessário nos apropriarmos da definição que são comportamentos praticados de forma repetitiva por um longo tempo, contra uma mesma vítima. O agressor impõe uma relação de desequilíbrio do poder, impossibilitando a defesa da vítima. Ocorre sem motivações aparentes e são extremamente danosos.

O *bullying* pode ser direto ou indireto: o primeiro inclui agressões físicas como bater, chutar, tomar pertences e verbais, como apelidar, insultar, constranger. E o indireto é o que provoca mais prejuízo e pode provocar traumas irreversíveis ocorrendo através de disseminação de rumores desagradáveis, visando excluir a vítima. Como cita o autor: “o *bullying* nasce da recusa a uma diferença, da intolerância, do desrespeito ao outro” (MELO, 2010).

Atualmente a tecnologia da comunicação está sendo utilizada para praticar esta violência configurando assim uma outra forma de violência definida como *cyberbullying*: caracteriza-se por ataques utilizando-se celulares, câmeras, redes sociais, sites de vídeo ou

email com o objetivo de maltratar, depreciar, humilhar, fazer ameaças, aterrorizando uma pessoa ou um grupo identificado como alvo (MALDONADO, 2011).

O *cyberbullying* diferencia-se do *bullying* primeiro porque não é necessária a repetição, pois a dimensão e velocidade no qual a mensagem é divulgada é que potencializa a violência vivida. Em segundo lugar, na agressão direta se identificam os papéis, os autores, as vítimas; no *cyberbullying* todos são invisíveis, e poderão nunca ser reconhecidos. E ainda não existe uma relação desigual de poder, todos podem atacar e ser atacados. Estes ataques se dão através de xingamentos, ameaças, fofocas e boatos por mensagem de texto, divulgação de fotos ou vídeos, roubar a senha de alguém e começar a enviar mensagens caluniosas, modificando o perfil daquele que foi invadido.

Nas situações em que identificamos o *bullying*, podemos reconhecer segundo Fante (2005) alguns papéis protagonizados pelos envolvidos:

Vítima Típica: é um indivíduo ou grupo que geralmente são pouco sociáveis, não dispendo de recursos ou habilidades para reagir ou fazer parar as agressões. Apresentam algumas das características como: aspecto físico e emocional mais frágil e sensível, timidez, passividade, submissão, baixa auto-estima, ansiedade, sentimentos depressivos ou ainda alguma dificuldade de aprendizagem. Na maioria das vezes relaciona-se melhor com pessoas adultas, tendo uma conduta não-agressiva, tornando-se alvo para os agressores.

Vítima Provocadora: esta provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar. Tenta brigar, ou responder quando é agredida. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva, ofensora e de costumes irritantes.

Vítima Agressora: é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos. Esta procura uma vítima ainda mais frágil para tornar-se o bode expiatório, transferindo assim o sofrimento vivido.

Agressor: este, seja de qualquer sexo, costuma manifestar pouca empatia. Geralmente é filho de família desestruturada onde não há vínculos de afeto. Os pais ou responsáveis oferecem modelos agressivos para solucionar os problemas. Frequentemente se destaca entre o grupo e sente uma vontade de dominar e subjugar os outros, se impondo pelo seu poder para conseguir aquilo que quer. Apresenta Transtorno de Caráter, é impulsivo, e tem baixa

tolerância às frustrações, além de ter dificuldade frente à adaptação às normas e adota condutas anti-sociais, como roubo, vandalismo e uso de drogas.

Espectador: este presencia o *bullying*, sem sofrer ou participar. Adotam assim a lei do silêncio por temerem ser as próximas vítimas, por conviverem com esta violência também se sentem inseguros, tristes e incomodados.

Mesmo havendo esta identificação de papéis, os três grupos não são estanques, há uma flutuação dinâmica entre estes, no qual há vítimas que atacam a raiva do agressor; e estes dois podem ser também expectadores. Por outro lado, o agressor também pode abusar da força e de seu poder para esconder a sua fragilidade, insegurança e dificuldade em relacionar-se. Assim como a vítima ao conseguir sair desta posição buscará maiores recursos dentro de si, podendo enfrentar e superar o sofrimento dos ataques. Na escola esta dinâmica dificulta a identificação dos alunos.

Segundo Melo (2010) o *bullying* escolar não privilegia o gênero. O que se diferenciam são as formas das agressões. Os meninos priorizam o uso da força, da intimidação e da supremacia. E já as meninas se utilizam de estratégias diferentes: agressão psicológica, através da humilhação e exclusão, fofocas, difamação através da rede de relacionamentos podendo ser muito cruéis e perversas, sendo motivadas em sua maioria por inveja e ciúme.

4 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING*

Verifica-se que as causas se devem a uma carência afetiva, ausência de limites e ao modo de afirmação do poder dos pais sob os filhos, começando geralmente pela recusa da aceitação de uma diferença, sempre notória e abrangente. Segundo Maldonado (2011) as causas se referem principalmente à violência do preconceito e da discriminação, e a incapacidade das pessoas desenvolverem empatia.

As consequências desta violência silenciosa são muito abrangentes. Nas vítimas provoca, no âmbito cognitivo, o desinteresse pelos estudos, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento intelectual, a reprovação e o abandono escolar. Na saúde causa queda da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos variados como: cefaléia, tontura, náusea, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perda ou aumento de apetite. Podem ainda surgir doenças psicossomáticas como úlceras, gastrite, bulimia ou anorexia, herpes, alergia,

problemas respiratórios, bulimia além do comprometimento de órgãos e sistemas (MELO, 2010).

As vítimas do *bullying* podem continuar a sofrer as consequências muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além dos prejuízos de ordem física e mental. A superação dos traumas irá depender das características individuais de cada um e de sua capacidade de se relacionar consigo e com o meio em que vive.

A não superação influenciará seus pensamentos, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves. Assis et al. (2004) ponderam que a violência pode transformar, modificar o indivíduo, suas crenças e seu mundo. A forma como um adolescente se auto-representa pode ser afetada pela violência à qual é submetido ao longo de sua vida, pois a experiência de violência exerce função importante no julgamento que o adolescente faz de si e dos outros (ASSIS et al., 2004, in TORO; NEVES; REZENDE, 2010).

5 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

O autor Melo (2010) elucida em sua obra alguns programas desenvolvidos em 8 países, dentre estes o Brasil. Neste a pioneira no desenvolvimento de um projeto Anti – *bullying* foi Cléo Fante; que implantou o Programa Educar para Paz. Segundo esta autora (2005), os objetivos do programa são: que os alunos sejam conscientizados do fenômeno e suas consequências; que os alunos desenvolvam a capacidade de empatia, através da interiorização de valores humanos e que os alunos se comprometam com o bem-comum e se tornem agentes de transformação da violência para uma cultura de paz.

Atualmente cerca de 14 estados americanos, incluindo New York e New Jersey, têm parcerias com o *Olweus Bullying Prevention Program Overview* (OBPP), um programa pioneiro de prevenção desenvolvido por Olweus, já utilizado em mais de 6 mil escolas nos Estados Unidos. Sua aplicação – em escolas, salas de aula, junto aos pais e à comunidade e também por meio de intervenção individual – reduziu em 44% as manifestações de *bullying* nas escolas que utilizaram o programa no seu formato original, sem qualquer alteração no modelo proposto.

Segundo Melo (2010) existem 4 estratégias que norteiam as intervenções de enfrentamento do *bullying*: Estratégias Gerais, Estratégias em sala de aula, Estratégias Individuais e Estratégias familiares.

Antes de iniciar-se qualquer projeto de intervenção de prevenção ou enfrentamento, deve-se fazer um diagnóstico escolar. Pode-se fazer uma pesquisa com algumas questões para identificar se existe o *bullying*, quais as formas, em que momentos e em que lugares e com que frequência acontecem. E principalmente se a equipe da escola está envolvida nesta problemática. Após ter-se estes dados, pode-se construir um projeto de enfrentamento que terá data para começar, mas não terá prazo para terminar, pois os projetos de melhores resultados foram aqueles implantados no projeto Político Pedagógico da escola, envolvendo todos os atores sociais da instituição: equipe diretiva, professores, monitores do pátio, pessoal da cantina, motoristas e monitores dos ônibus escolares, pais e familiares, enfim todos que formam a instituição escola. Sugere-se desenvolver um currículo - sócio-afetivo nas escolas.

Segundo Maldonado (2011), muitos professores queixam-se de estarem cansados e sobrecarregados de tantos projetos que tem que desenvolver. Mas por que não capacitar pais, adolescentes que trabalharão em prol desta causa? Todos deverão saber mais a fundo as consequências negativas do *bullying* e do *cyberbullying* para todos os envolvidos, reforçando a idéia de que estas atitudes não serão mais toleradas e que todos os professores, pais e equipe diretiva deverão assumir este compromisso. A mesma autora cita outros exemplos de estratégias: alunos de uma escola estadual criaram um vídeo mostrando cenas de *bullying*; em uma escola com alto índice de violência os alunos criaram uma peça teatral para representar os diferentes tipos de agressões físicas e verbais que viviam; outro grupo montou um espetáculo musical com canções no qual o tema abordava a problemática do *bullying*.

A partir da Campanha Nacional de Prevenção do *bullying* em 2006 nos Estados Unidos, foram apresentados segundo Maldonado (2011), as dez melhores práticas para prevenir o *bullying*:

1. Envolver todo o ambiente escolar para concretizar a mudança do olhar, passando a considerar inaceitáveis os atos de *bullying*;
2. Avaliar as manifestações do *bullying*, a partir de um questionário envolvendo alunos, funcionários e pais;
3. Buscar o apoio dos pais e da equipe escolar para promover ações de prevenção do *bullying*;
4. Organizar um grupo para coordenar as ações de prevenção do *bullying* composto por toda a comunidade escolar, no qual deverão se encontrar com o objetivo de avaliar resultados, ouvir as pessoas e ajustar o que for necessário;

5. Capacitar toda a equipe escolar para que entendam mais profundamente as manifestações e as consequências do *bullying* e como podem colaborar de modo eficaz;
6. Estruturar o contrato de convivência explicitando, não só para os alunos como também para as famílias, que a prática do *bullying* não é permitida. Logo as normas de convivência e as consequências quanto ao desrespeito das mesmas deverá ser enfatizado;
7. Expandir a supervisão onde as ações de *bullying* acontecem com maior frequência;
8. Colocar o *bullying* como tema transversal para ser discutido em sala de aula sempre que possível, abordando valores fundamentais como respeito, cooperação, potencializando relações de amizade;
9. Intervir de modo consistente e apropriado quando ocorrer episódios de *bullying*;
10. Dar prosseguimento ao programa incorporando-o ao projeto pedagógico da escola.

E ainda especificamente para cada um que está envolvido no fenômeno; o agressor precisa desenvolver a capacidade de empatia, destacando-se, aprimorando habilidades benéficas e exercitar a liderança servidora. A autora cita algumas ações que estimulam a empatia: escrever um texto no ponto de vista da vítima; reescrever histórias conhecidas sob o ponto de vista de todos os personagens; montar em aulas de teatro cenas de *bullying* em que agressores, vítimas, e testemunhas vivam papéis uns dos outros. Em relação às vítimas, estimular que desenvolvam recursos para deixar de ser alvo fácil, estimulando seu autoconhecimento, seu auto-cuidado, e principalmente uma linguagem corporal mais confiante como olhar para frente e olho a olho e falar com uma voz mais firme (MALDONADO, 2011).

A mesma autora fala ainda de programas que desenvolvem o autocontrole da impulsividade, a administração da raiva e a resolução não violenta de conflitos e recursos de comunicação. Em relação ao *cyberbullying*, é recomendado não responder às mensagens ofensivas, salvar emails, mensagens e fotos adulteradas, pois servirão como provas concretas para o registro de ocorrência em delegacias especializadas em crimes de informática ou na Central Nacional de Crimes Cibernéticos (WWW.denuncie.org.br).

6 LEGISLAÇÃO ANTIBULLYING

Devido às proporções que este fenômeno vem tomando viu-se a necessidade de buscar um suporte legal para conter esta onda de violência nas escolas. Abaixo está descrita um projeto de lei de São Paulo e um projeto de lei de Porto Alegre.

A Assembleia Legislativa gaúcha aprovou no dia 25 de maio de 2010 por unanimidade, uma lei que prevê políticas públicas contra o *bullying* nas escolas de ensino básico e de educação infantil, privadas ou do Estado, em todo o Rio Grande do Sul. "Estamos diante de uma epidemia social muito grave, inclusive com tentativas de suicídio e agressões a professores", justificou o deputado Adroaldo Loureiro (PDT), autor do projeto. A decisão foi motivada pela morte de um adolescente de 15 anos em Porto Alegre, há duas semanas, vítima das agressões de um colega. Ele foi morto a tiros porque reagiu às frequentes humilhações a que era submetido pelos agressores. O deputado citou os artigos 146 e 147 do Código Penal, que tratam de constrangimento ilegal e ameaça, como suficientes para punir ações de *bullying*. A Lei estabelece:

- Reduzir a prática de violência dentro e fora das instituições e melhorar o desempenho escolar
- Promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito aos demais
- Disseminar conhecimento sobre o fenômeno entre os responsáveis legais pelas crianças e pelos adolescentes
- Identificar concretamente, em cada instituição, a incidência e a natureza das práticas de <i>bullying</i>
- Desenvolver planos locais para a prevenção e o combate às práticas de <i>bullying</i> nas instituições de ensino
- Treinar os docentes e as equipes pedagógicas para o diagnóstico do <i>bullying</i> e para o desenvolvimento de abordagens de caráter preventivo
- Orientar as vítimas de <i>bullying</i> e seus familiares, oferecendo-lhes os necessários apoios técnico e psicológico, de modo a garantir a recuperação da autoestima das vítimas e a minimização dos eventuais prejuízos em seu desenvolvimento escolar

- Orientar os agressores e seus familiares sobre os valores, as condições e as experiências relacionadas à prática do *bullying*, de modo a conscientizá-los a respeito das consequências

- Evitar tanto quanto possível a punição dos agressores, privilegiando mecanismos alternativos a fim de promover sua mudança de comportamento

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar que o *bullying* se transformou num fenômeno complexo que vem acometendo um contingente cada vez maior de estudantes. O itinerário teórico abarcado neste artigo, poderá subsidiar a elaboração de novas campanhas e projetos de prevenção e intervenção em relação ao *bullying*.

Atualmente muitos destes projetos se baseiam na construção e estimulação da paz nas escolas. Estes projetos têm como objetivo a conscientização de toda a comunidade escolar sobre o que é o *bullying*, como diferenciá-lo de outras formas de violência, quem são os envolvidos, quais as consequências e as formas de enfrentamento. A partir desta pesquisa bibliográfica percebe-se o quanto é fundamental que possamos escutar qual é a percepção de professores, funcionários e alunos sobre o que significa para ele este tipo de violência que tem se evidenciando nas instituições de ensino.

Concomitantemente devemos, enquanto pais, profissionais da educação, psicólogos educacionais refletir sobre nós mesmos e observar qual a nossa aceitação das diferenças, a nossa agressividade, a nossa intolerância, sobre a forma como nos valorizamos ou nos discriminamos; qual forma nos relacionamos com nossos filhos e nossos familiares, será que temos a capacidade de sentirmos empatia.

A partir desta reflexão podemos olhar para as diferentes faces deste fenômeno, para que consigamos envolver e comprometer a sociedade para acabarmos com esta cultura de violência que vem adentrando os muros de nossas escolas. Afinal, enquanto concluía-se este artigo foi divulgado na mídia mais um caso na Califórnia de um ex-aluno que sentia-se injustiçado por colegas e diretora, chegando a disparar vários tiros na sala de aula, matando sete pessoas segundo investigações.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. *Lei antibullying é aprovada por unanimidade na Assembléia Gaúcha*. Disponível em:

<<http://educacao.uol.com.br/ultnot/2010/05/26/lei-antibullying-e-aprovada-por-unanimidade-na-assembleia-gaucha.jhtm>>. Acesso em: 3 abr. 2011.

FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas escolas e Educar para Paz*. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, Cléo. *Campanha Aprender sem Medo*. Plan Brasil. São Luís, MA, 2010. Disponível em: <http://www.plan.org.br/publicacoes/download/cartilha_enfrentamento_bullying.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2011.

GUIMARÃES, Camila. Um breve histórico do *bullying*. Revista *Época*, 28 mar. 2011. Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)

MALDONADO, Maria Tereza. *Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?* São Paulo: Moderna, 2011.

MELO, Josevaldo Araújo. *Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo*. Recife: EDUPE, 2010.

TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Anamaria Silva; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicol. teor.prat.*, São Paulo, v. 12, n. 1, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2011.

VALLEY, Saulo. *Bullying na escola e o massacre de Realengo*. Postado em 27/4/2011. Disponível em:

<<http://bullyingnaoembrincadeiradcrianca.blogspot.com/2011/07/meninos-sao-os-que-mais-sofrem-e.html>>. Acesso em: 6 nov. 2011.